

HSBC Global  
**Connections**  
 apresenta

# Negócios mais sustentáveis

Com uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo, o Brasil busca novas fontes de energia para reduzir custos e cuidar do meio ambiente

Empresas locais e multinacionais preocupadas com a sustentabilidade dos seus negócios e a preservação do planeta buscam fontes alternativas de energia renovável para movimentar suas fábricas. Pequenas centrais hidrelétricas, usinas de biomassa e energia eólica e solar são algumas das alternativas encontradas pelas companhias para contribuir com o meio ambiente e reduzir os gastos com energia. “Enquanto o gás natural custa 200 reais por megawatt/hora, a energia eólica sai por 130 reais”, diz Elbia Melo, presidente da Associação Brasileira de Energia Eólica (Abeeólica). Segundo ela, a energia eólica é a segunda fonte mais barata depois da hídrica. “As hidrelétricas de Belo Monte e Jirau, por exemplo, terão um custo de geração de 100 reais por megawatt/hora”, diz.

No Brasil, algumas empresas já começaram a colocar em prática o investimento em energias alternativas. O Grupo Votorantim, por exemplo, mantém 33 usinas hidrelétricas que garantem 73% do consumo energético de suas empresas. Desde setembro, a montadora japonesa Honda passou a produzir automóveis em Sumaré (SP) com eletricidade gerada pelo parque eólico da cidade de Xangri-Lá (RS). Os carros sairão de lá com o selo de energia renovável da Abeeólica. Com o projeto, a Honda deixará de emitir cerca de 2 200 toneladas de CO<sub>2</sub> por ano, o que representa aproximadamente 30% do total gerado pela fábrica. “Nosso principal objetivo é a redução de CO<sub>2</sub>, mas também vamos diminuir entre 40% e 45% os custos de energia”, diz Carlos Eigi, presidente da Honda Energy.

A matriz energética brasileira – conjunto de fontes



Fábrica da Honda em Sumaré (SP): energia eólica reduzirá em 30% as emissões de CO<sub>2</sub> e diminuirá entre 40% e 45% os custos de eletricidade

de energia ofertadas no país – é uma das mais limpas do planeta. Segundo a Empresa de Pesquisa Energética, em 2013, 79,3% da energia gerada veio de recursos renováveis, ou seja, naturalmente reabastecidos, como o sol, o vento e a água das chuvas. Neste ano, as condições hidrológicas desfavoráveis e o aumento da geração térmica, que usa derivados do petróleo, fizeram com que a participação dessas fontes caísse para 74,3%, de acordo com os dados recentes da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Ainda assim, o Brasil está bem à frente da média mundial. Um estudo da Agência Internacional de Energia aponta que, somente em 2018, as fontes renováveis atingirão o patamar de 25% de toda a eletricidade gerada no mundo. Hoje, esse índice é de pouco mais de 20%.

A posição de destaque do país no uso de fontes renováveis resulta de sua riqueza hídrica, mas os recursos estão cada vez mais escassos. A construção de novas usinas exige altos investimentos, o que impõe ao país o desafio de buscar fontes alternativas, como as energias eólica, solar e o biogás. Segundo a Aneel, 63% da capacidade instalada vem de hidrelétricas.

De acordo com Diógenes Del Bel, presidente da Associação Brasileira de Empresas de Tratamento de Resíduos, o país já abriga oito usinas que produzem biogás a partir da fermentação natural do lixo orgânico de aterros sanitários. Juntas, elas têm capacidade para gerar 74,3 megawatts de potência que entram nas redes das distribuidoras e podem suprir o consumo diário de cerca de 250 000 habitantes. É pouco, mas é um começo para um novo modelo mais sustentável. ■